

Feiras livres cariocas: uma etnografia situada entre o trabalho e o lazer¹

Taiany Braga Marfetan

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS-UERJ)

Resumo: O presente artigo discorre sobre as práticas de espaço (CERTEAU, 2014) possibilitadas pelo ato de “fazer a feira” (SATO, 2012, VEDANA, 2013) inscrito no contexto da metrópole carioca. A feira livre, no contexto do presente artigo, se situa como um potente espaço público para o trabalho e o lazer, tendo o comércio como mediação entre as modalidades descritas, possibilitando a produção de subjetividades e sociabilidades. A partir da observação participante, entrevistas, registros fotográficos e acompanhamento de páginas em redes sociais de duas das três feiras analisadas entre os anos de 2021 e 2022, a saber, a Feira Livre do Grajaú, a Feira da Glória e a Feira do Lavradio, analiso como se dão essas relações e suas significações para a construção de relações sociais nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro, inscrevendo ainda essa análise no contexto da pandemia do Covid-19 e no que ela impactou nas formas de ser e estar nas feiras livres da cidade.

Palavras-chave: fazer a feira; comércio e lazer; construção de subjetividades e sociabilidades.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo articular um debate conceitual sobre trabalho e lazer com a observação participante em três feiras livres da cidade do Rio de Janeiro, em estágio inicial, com dados dos anos de 2021 e 2022. Para tanto, lanço mão do uso de métodos qualitativos de pesquisa: além da etnografia, já clássica estratégia metodológica da antropologia científica, apresento entrevistas abertas e, também, fotografias. Soma-se aos métodos já citados o acompanhamento de páginas da rede social virtual *Instagram* de duas das três feiras analisadas: a Feira do Lavradio e a Feira da Glória, com o objetivo de compreender as estratégias de divulgação das feiras a partir de seus organizadores e quais características são destacadas/enfatizadas sobre elas, o monitoramento dos eventos que

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

irão ocorrer, assim como as reações dos frequentadores a partir dos comentários nas postagens.

Vale ainda salientar a escolha das feiras propostas para análise no âmbito da tese. A Feira Livre do Grajaú, bairro situado na Zona Norte da cidade, que ocorre semanalmente às sextas-feiras na Avenida Júlio Furtado, é uma típica feira de bairro que tem como principal objetivo a venda de alimentos e é frequentada, principalmente, por moradores do bairro.

A Feira da Glória, que ocorre semanalmente aos domingos na Avenida Augusto Severo, no bairro da Glória, situado em região central da cidade, já no limiar com a Zona Sul, caracteriza-se como uma feira mista, uma vez que apresenta, desde a venda de antiguidades e demais quinquilharias (popularmente chamado de mercado das pulgas ou *shopping chão*), alimentos, artesanatos, contando ainda com uma área para alimentação imediata e também com uma área para almoço, com várias barracas que servem diversos tipos de pratos típicos da culinária brasileira, desde peixe frito com pirão até feijoada.

A Feira da Glória conta ainda com uma programação musical, sendo que todos os domingos acontecem rodas de samba, e a cada domingo do mês uma roda de samba diferente se apresenta na feira. Assim, a Feira da Glória atrai não somente moradores dos seus arredores, mas também pessoas de diversas regiões da cidade. Vale ressaltar sua centralidade, contando com uma boa oferta de transportes públicos, como ônibus e linha de metrô, o que facilita essa diversidade espacial de moradia dos frequentadores do espaço.

A Feira do Lavradio é considerada uma feira turística. Inicialmente, funcionava como uma feira de antiguidades, tendo, ao longo da extensão da rua, além das barracas, lojas e galpões abertos que vendem antiguidades. Essa feira, situada na região central da cidade, localiza-se numa rua que tem boa parte de suas edificações tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e foi, recentemente, reconhecida como Patrimônio Imaterial do Rio de Janeiro². De acordo com o Deputado Estadual André Ceciliano, em entrevista ao Jornal Brasil de Fato, em Agosto de 2021 e autor do projeto de lei que instituiu a Rua do Lavradio como Patrimônio Imaterial do Rio

² Informação retirada da reportagem do jornal Brasil de Fato, do dia 30 de Agosto de 2021. Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/30/rua-do-lavradio-na-lapa-se-torna-patrimonio-imaterial-do-rj> acesso em: 14 jan. 2022

de Janeiro, “A Rua do Lavradio faz parte da história do Rio de Janeiro, pois, com apenas 700 metros de extensão, já abrigou alguns dos mais elegantes endereços do Rio Antigo e foi cenário de escritores como Machado de Assis, Lima Barreto e João do Rio”.

A Feira do Lavradio, que inicialmente acontecia no primeiro sábado de cada mês em toda a extensão da rua, durante a pandemia passou a se limitar à parte da rua situada entre a Rua da Relação e à Rua da Carioca, com restrição dos feirantes e das atividades dos bares para diminuir a aglomeração a partir da eclosão da pandemia do Covid-19, em março de 2020. Hoje, conta com as já conhecidas lojas e expositores de antiguidades e também com bares que coexistem ao longo da rua, como por exemplo o *Rio Scenarium*, que é procurado por turistas de outras partes do Brasil e, também de outros países.

A Feira do Lavradio conta ainda com expositores de artesanatos, roupas, tem uma programação musical fixa da feira e a “Lavradio Literária”, movimento que conta com lançamentos de livros e uma feira literária na Praça Emilinha Borba. Vale destacar a riqueza cultural da feira não só em sua extensão, mas transbordando para as imediações, como é possível notar a partir da roda de capoeira na esquina da Rua do Lavradio com a Rua da Relação pelas manhãs e o baile charme no final da tarde na Rua do Rezende. Muitos dos frequentadores da feira acabam indo para o samba que acontece à tarde no Armazém Senado, um centenário e tradicional bar carioca, situado na Rua do Senado.

A seguir, irei apresentar os dados até então obtidos em campo, colocando-os em diálogo com a bibliografia necessária para o desenvolvimento da tese e expostos como um recorte de análise proposta para o presente artigo, a fim de compreendermos as relações entre trabalho e lazer nas feiras livres cariocas, no intuito de situá-las enquanto potentes espaços de produção de subjetividades e sociabilidades na metrópole.

2. A etnografia de rua no estudo das feiras livres cariocas

Para a compreensão dos fenômenos sociais desenvolvidos entre trabalho e lazer nas feiras livres cariocas analisadas para o artigo, lanço mão da “etnografia de rua” (ROCHA e ECKERT, 2003), que situa a importância dos espaços públicos como locais primordiais para o encontro e para a diversidade das práticas sociais neles inscritas. Ao discorrer sobre o *flanêur* como um personagem Baudelairiano que caminha pelas ruas, as autoras apontam que:

a cidade do andarilho tem uma história, nem a melhor nem a pior do mundo, simplesmente histórias que configuram referências práticas e simbólicas em que se reconhece ou se constrange nas ruas que perambula, lugares que conhece ou desconhece, espaços que gosta ou desgosta, contextos que lhe atraem ou passam despercebidos. Objetos, eventos não verbais ou verbais, ruídos ou matérias atiram-lhe a atenção sensorial que delinea seu trajeto, seus atos. A cidade acolhe seus passos, e ela passa a existir na existência deste que vive, na instância de seu itinerário, um traçado que encobre um sentido, algo que será desvendado ao seu final. Espaços, cheiros, barulhos, pessoas, objetos e naturezas que o caminhante experiencia em sua itinerância, não sem figuras pré-concebidas. (p. 1)

E assim seguem, ao tratar da temática da “etnografia de rua”, destacando que:

Descrever a cidade, sob um tal ponto de vista, é conhecê-la como *locus* de interações sociais e trajetórias singulares de grupos e/ou indivíduos cujas rotinas estão referidas a uma tradição cultural que as transcende. Conhecer uma cidade é, assim, não só apropriar-se de parte de um conhecimento do mundo, ou seja, os saberes e fazeres dos habitantes e o que conheço desta experiência de pesquisa junto a eles, quanto desvendar o conhecimento na busca de situar meu próprio ser em relação ao ser do Outro na cidade. (ROCHA e ECKERT, 2003, p. 2)

Rocha e Eckert (2003) apresentam a etnografia de rua como um deslocamento em sua própria cidade e afirmam uma preocupação com a pesquisa antropológica a partir de um paradigma estético na interpretação das figurações da vida social na cidade. Agier (2015), ao discorrer sobre a ação do “fazer-cidade”, contribui para a discussão ao situar o “fazer-cidade” como um movimento permanente que pode nos permitir encontrar alguma coisa da cidade que observamos nas experiências concretas do espaço.

Assim, situa que é na relação de construção e desconstrução entre o campo de pesquisa e o objeto de pesquisa que torna possível um olhar antropológico sobre a cidade, e ainda apresenta que é possível “desenhar” uma cidade múltipla, partindo do ponto de vista das práticas, das relações e das palavras dos cidadãos, tais como o próprio pesquisador as observa, as coleta e as anota, direta e situacionalmente.

Nesse sentido, articulo o artigo a partir dos dados de campo transformados em etnografia de rua, tendo a cidade como “palco”, assim como agente, já que, segundo Rocha e Eckert (2003), nas vivências nos espaços da cidade, desenvolvemos experiências pessoais concretas, potentes para a produção de subjetividades assim como de sociabilidades junto aos atores sociais em seus atos de “fazer-cidade”, me incluindo nessas práticas, uma vez que habito e frequento os mesmos espaços. Torna-se, assim, importante citar Velho (2013) ao trabalhar com antropologia na própria cidade, uma vez que:

O processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico. Em princípio dispomos de mapas mais complexos e cristalizados para nossa vida cotidiana do que em relação a grupos ou sociedades distantes ou afastados. Isso não significa que, mesmo ao nos defrontarmos, como indivíduos e pesquisadores, com grupos e situações aparentemente mais exóticos ou distantes, não estejamos sempre classificando e rotulando de acordo com princípios básicos através dos quais fomos e somos socializados. É provável que exista maior número de dúvidas e hesitações como as de um turista em um país desconhecido, mas os mecanismos classificadores estão sempre operando. (p. 74)

Além disso, sobre o processo de se fazer pesquisa antropológica na própria cidade, Velho (2013) aponta ser positivo o fato de, ao se trabalhar com um grupo que habita e convive os mesmos espaços que o pesquisador e, também, com outros pesquisadores, sua interpretação enquanto antropólogo é constantemente testada, revisada e confrontada, e que isto não se dá com muitos estudos de sociedades exóticas e distantes. Assim, acerca da minha própria experiência no campo, inicio a análise proposta para o presente artigo.

3. Feiras livres e cidade: resistência, vivência e experiência urbana a partir das formas de ser e estar nas feiras livres da cidade do Rio de Janeiro

O meu interesse pelo tema das feiras livres se deu no auge do contexto da pandemia do Covid-19 na cidade do Rio de Janeiro, em meados de 2020, quando o único local em que eu frequentava, para além da minha casa, era a Feira Livre do meu bairro, o Grajaú, situado na Zona Norte do Rio de Janeiro, todas às sextas-feiras. Desde então, passei a me aproximar da temática no intuito de buscar compreender como a feira, uma modalidade antiga de comércio na cidade, ainda se mantém forte nos dias de hoje, mesmo com a existência de grandes redes de supermercados.

Foi aí que passei a analisar, a partir do meu cotidiano, a importância do ato de “fazer a feira” como fundamental para a minha experiência pandêmica, e que esse ato não era somente uma forma de comprar alimentos para a semana, mas também uma forma de eu me sentir parte do mundo e vivendo para além da minha casa, pois era onde eu socializava com pessoas além da minha família e via e vivia cenas inesperadas, nos termos propostos por Bruner (1986) sobre as possibilidades de pesquisa a partir da abordagem da Antropologia da Experiência.

Além disso, a feira livre propicia diversas formas de sociabilidade no espaço público, uma vez que esse é o local dos encontros e das situações inusitadas. Sato (2012), ao discorrer sobre o tema do trabalho e sociabilidades em feiras livres de São Paulo, destaca a questão da sua ocorrência em espaços públicos, ao que indaga “o que acontece quando um espaço público, normalmente usado pelos habitantes e transeuntes, transforma-se, durante grande parte do dia, em outra coisa? Quais os outros significados que tal mudança possibilita para o uso desses espaços?” (p. 95).

Ao discorrer sobre as práticas sociais que dão significado ou ressignificam esses locais, aponta que:

Para que esses muitos eixos de significação tenham espaço, no caso da feira livre, um palco é montado. E é esse palco que cria as condições para que os muitos eixos de significado coexistam. Folclore, arte, brincadeira, comércio e trabalho são atividades que se encontram emaranhadas. Por vezes, uma se faz mais proeminente do que outras, mas todas coexistem o tempo todo. (SATO, 2012, p. 95)

Ao adentrar a Feira Livre do Grajaú, que se localiza numa avenida arborizada do bairro, a Avenida Júlio Furtado, me deparo com a feirante vendedora de temperos e de ervas para banhos e rituais religiosos, sempre vestida com trajes que remetem às religiões afro-brasileiras. Em seguida, há a barraca de flores, na qual os feirantes colocam músicas românticas para inspirar a temática e facilitar a compra. Sou sempre abordada por um vendedor de limão, que anda pela feira oferecendo seus limões por diversas vezes aos fregueses que andam em torno das barracas. Ao que, ao adentrar ainda mais a feira na rua, diversos sons e cheiros passam a se misturar à experiência de “fazer a feira”: o vendedor de verduras anuncia “3 por 5”, e da barraca de temperos vem uma música citando diversos temperos, tocada alta para atrair consumidores.

Bauman (2009), ao tratar sobre a “poética do mercado público”, no que diz respeito aos gritos dos vendedores, entendidos como uma performance, contribui para a análise ao destacar que a função poética se estabelece nesses diversos chamados, ora somente desenvolvidos por uma frase, como é o caso da “verdura 3 por 5”, ora mais elaborados, passando até a ter estrutura melódica, com o objetivo de agilizar a venda, mas também compreendidos como parte da experiência de “fazer a feira”.

Vedana (2013) destaca a sociabilidade desenvolvida entre feirantes e fregueses como um fundamental eixo de “fazer a feira”, assim como o “ser feirante” está relacionado à uma arte de fazer, uma prática relacionada à herança, já que boa parte dos

feirantes escolhe a profissão por ser algo ligado à ancestralidade (pais e avôs feirantes, por exemplo).

Nesse sentido, podemos compreender que a feira não é só o espaço onde ocorre a venda de alimentos para a semana, mas o “palco” em que se desenvolvem diversas práticas sociais, entendidas aqui como “práticas de espaço” (CERTEAU, 2014). Na Feira Livre do Grajaú, já tenho um itinerário certo, com feirantes dos quais compro toda semana, conheço pelo nome e sei parte das suas histórias.

Algumas vezes, ao comprar algum ingrediente, trocamos dicas de receitas e estreitamos nossos laços de sociabilidade ao compartilhar saberes e experiências ao longo da conversa. Foi assim que descobri que a vendedora de temperos, que desenvolve essa função há mais de 20 anos, custeou os estudos do filho que, orgulhosa, me contou estar na Universidade cursando Engenharia.

Quase em frente à barraca de temperos, Soraya vende nhoque com massa de aipim há pouco tempo e já se tornou amiga da vendedora de temperos logo em frente. Ela me contou que passou a trabalhar na feira vendendo nhoque durante a pandemia, e que antes não era feirante. Ela passou a desenvolver essa função “por conta da crise econômica, já que perdi meu emprego e passei a ver a venda de nhoque como uma possibilidade de trabalho”³. Mas, relata não ser fácil permanecer na feira. Ao longo de nossa conversa, me contou que os feirantes cobram “o ponto” da feira para novatos que chegam querendo explorar essa atividade, e que por isso, num dia de movimento mais fraco, é difícil ter um lucro satisfatório.

Soraya ainda me relatou ter escolhido trabalhar na feira pois é um local em que é possível desenvolver essa atividade de maneira mais fácil, por estar num espaço público e conhecido, já que ocorre semanalmente, com fregueses que sempre frequentam e, também, por contar com segurança, mas que “nem sempre vendo o suficiente”, o que foi confirmado pela colega da barraca de temperos à frente, relatando que o movimento de consumidores da feira diminuiu com a pandemia.

Porém, apesar das dificuldades, a feirante destaca que já fez amigos na feira, tanto feirantes, como a sua colega vendedora de temperos à frente, quanto fregueses que sempre compram seus nhoques e postam nas redes sociais suas receitas prontas a fim de ajudá-la

³ Entrevista concedida à autora no dia 10 de dezembro de 2021.

na divulgação. Nesse sentido, podemos compreender que a feira livre não se situa somente como um espaço de comércio, como já apontado por Sato (2012), mas potente espaço para a produção de sociabilidades.

Imagem 1: Início da Feira do Grajaú: barraca de ervas com feirante vestida com trajes de religiões afro-brasileiras.



Fonte: A autora. Fotografia do dia 10 dez. 2021.

A imagem acima caracteriza, para mim, o primeiro “cenário” da feira livre do Grajaú: a barraca de ervas, situada quase na esquina da Avenida Júlio Furtado com a Praça Edmundo Rêgo. A vendedora de ervas está sempre vestida com trajes que remetem às religiões afro-brasileiras e caracteriza, nesse sentido, um dos possíveis significados da feira livre: sua relação com a cultura, a ancestralidade e o sagrado, tema já desenvolvido por Souza (2010) ao analisar a tradição da feira de São Joaquim, em Salvador (BA), sua relação com o Recôncavo Baiano e a religiosidade.

A feira livre do Grajaú também é o local do encontro e da sociabilidade com a finalidade de lazer, para além das relações entre feirantes e fregueses. Ao final da feira, há um caminhão que se transforma em restaurante de comida japonesa e que já é famoso

no bairro: as pessoas vão, na hora do almoço, comer e beber no já conhecido “japonês da feira”, conforme se observa no registro fotográfico a seguir.

Imagem 2: Frequentadores do “Japonês da Feira do Grajaú”



Fonte: A autora. Fotografia do dia 24 dez. 2021.

Neste dia era véspera de Natal, e diversos feirantes estavam entoando cantos de natalinos, falando entre eles sobre o ano que passou e as expectativas de melhora para o próximo, assim como anunciando ingredientes que tradicionalmente utilizamos na ceia de natal e receitas que não podem faltar na noite festiva. A seguir um registro de feirantes utilizando gorro de “papai noel”, símbolo da data comemorativa.

Imagem 3: Feirantes utilizando gorro de “papai noel” na feira do dia de Natal.



Fonte: A autora. Fotografia do dia 24 dez. 2021.

De acordo com o que foi apresentado a partir das imagens, nota-se que a feira possibilita diversos arranjos sociais além daqueles aos quais ela tradicionalmente é designada, a saber, o consumo de alimentos. A Feira do Lavradio é um exemplo da extrapolação dos significados que comumente damos às feiras livres. O principal objetivo dessa feira não é o consumo de alimentos e sim o lazer. A seguir, um registro de um show de *jazz* na Feira do Lavradio, que conta com uma programação musical fixa todos os sábados à tarde, sempre às 16 horas.

Imagem 4: Público assistindo ao show de *jazz* no palco montado na Praça Emilinha Borba, durante a Feira do Lavradio



Fonte: A autora. Fotografia do dia 11 dez. 2021

Um dos objetivos da manutenção da programação musical da feira é, de acordo com seus organizadores na rede social *Instagram*, manter a frequência de pessoas, uma vez que ela passou um período da pandemia sem acontecer e, antes desse momento, era muito maior e ocorria somente uma vez por mês, sempre no primeiro sábado. A seguir um registro da página da feira no *Instagram* anunciando a programação musical e convidando as pessoas a frequentá-la.

Imagem 5: Página da Feira do Lavradio no *Instagram* acerca de sua programação musical



Fonte: Página da Feira do Lavradio no *Instagram*

Porém, não é consenso que a escolha por uma programação de *jazz* irá movimentar a feira e trazer a “vida” e a importância que ela tinha como local de produção de cultura e como pólo turístico na cidade antes da pandemia. De acordo com Ana, expositora de artesanato que atua na feira há 17 anos e entrevistada para a pesquisa, a direção da feira está falhando em apostar nesse estilo musical para atrair frequentadores, uma vez que a “alma da feira é o samba e o chorinho” e que o *jazz* não condiz com a cultura carioca, e, não é nem o que o carioca ou o turista querem assistir. Nesse sentido, Ana destaca que há um conflito de ações e demandas entre o que a direção da feira faz, no intuito de reavivá-la após o período pandêmico, e o que os feirantes e frequentadores desejam.

Além disso, no intuito da análise proposta para o presente artigo, que situa a pesquisa nas relações entre o trabalho e o lazer proporcionadas pelas experiências nas feiras livres cariocas, no dia da entrevista com Ana, 7 de maio de 2022, fui surpreendida

com o convite para participar de seu “espaço gourmet caju” por ela montado atrás de sua barraca, composto por uma mesa, petiscos e cervejas, onde Ana compartilhava, junto à sua filha, neta, amigas e demais feirantes colegas de trabalho na feira, de um momento de lazer ao longo do trabalho na feira, auxiliando na análise que trabalho e lazer ora se misturam no “fazer a feira” entre feirantes e fregueses no Rio de Janeiro.

Já a Feira da Glória, que acontece todos os domingos ao longo da Avenida Augusto Severo, também exerce, a partir de sua página no Instagram, uma propaganda da mesma, em que ressalta algumas características que, de acordo com os seus organizadores, são fundamentais para atrair o público a frequentá-la.

Imagem 6: Página da Feira da Glória no *Instagram*



Fonte: Instagram. Imagem do dia 12 dez. 2021.

A partir da imagem da postagem do *Instagram* da Feira da Glória apresentada acima a fim de atrair as pessoas para o local, os administradores da página destacam que nesta feira é possível comprar alimentos orgânicos e frescos, assim como também é possível comprar presentes para a família a partir dos pequenos empreendedores locais,

uma vez que era época de fim de ano, próxima ao Natal e, também, desfrutar do lazer propiciado pela roda de samba, “encontrar a galera” e “comer um almoço gostoso”.

Frequento a Feira da Glória há anos e notei que, durante a pandemia, ela passou a ter uma proporção de frequentadores muito maior do que antes, principalmente durante o horário do almoço, ficando até o início do samba, que geralmente acontece por volta das 15 horas, fato que se converteu em mais uma questão de análise para a pesquisa. Os administradores da página da Feira da Glória no *Instagram* frequentemente destacam como atributos da feira ser “livre, democrática e caber todo mundo”. Também a compreendem como “a maior e mais animada feira livre do Rio”.

4. Conclusão

Podemos, a partir do exposto, situar as feiras livres cariocas como espaços públicos singulares na metrópole carioca para a produção de subjetividades e sociabilidades. Nesse sentido, a partir da observação participante, entrevistas, registros fotográficos e acompanhamento das redes sociais das feiras, pude apreender que essa modalidade de trabalho e comércio impressa no espaço público é também, para os feirantes e fregueses, importante espaço de lazer na cidade.

Portanto, vale refletir o que significa “fazer a feira” ou “estar na feira” no Rio de Janeiro hoje, aliando essa reflexão no contexto da pandemia do Covid-19, a fim de compreender como e em que sentido a pandemia impactou nas formas de ser e estar nas feiras cariocas. Assim, há um campo frutífero e denso de significações a ser compreendido ao longo do processo de desenvolvimento da pesquisa em questão, passando pelas experiências pessoais e simbólicas de ser e estar numa feira livre na metrópole, até nas sociabilidades por ela possibilitadas na intrincada relação, estabelecida entre feirantes e fregueses nos atos de comércio e lazer apresentados no âmbito do presente artigo, não esgotando de outras significações possíveis as relações proporcionadas pela experiência nas feiras livres cariocas.

5. Referências Bibliográficas

- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. In: *Mana*. Rio de Janeiro: PPGAS (Museu Nacional, UFRJ), vol. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.
- BAUMAN, Richard. A poética do mercado público: grito de vendedores no México e em Cuba. In: *Ilha Revista de Antropologia*. Florianópolis: UFSC, vol. 11, nr. 1, 2009.
- BRUNER, Edward. 1986. Experience and its Expressions. In: V. W. Turner e E. M. Bruner (orgs.). *The Anthropology of Experience*. Chicago: University of Chicago Press, 1986, pp. 3-30.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ROCHA, Ana Luiza C.; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. In: *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 4, n.3, 2003.
- SATO, Leny. *Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012
- SOUZA, Márcio. *A teia da feira: um estudo sobre a feira-livre de São Joaquim, Salvador, Bahia*. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.
- VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: A construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 19, n. 39, pp. 41-68, jan./jun. 2013.
- VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.